



EMPRESAS GESTÃO E GESTORES GG

ROMÁN VARGAS CONSULTOR DE SEGURANÇA DA CISCO PARA PORTUGAL E ESPANHA

“Muitas empresas nem sabem que sofrem ciber-ataques”

O especialista alerta que os ataques informáticos levam à perda de clientes e adverte que também o comportamento “pouco consciente” dos trabalhadores no computador pode paralisar um negócio.

ANTÓNIO LARGUESA
alarguesa@negocios.pt

O Porto recebe esta quarta-feira, 20 de Maio, a primeira conferência portuguesa de ciber-segurança, que conta com a participação de empresas nacionais e internacionais de referência, como a EY, Fortinet, Anubis-Networks, AON, Cisco, PT Empresas e Refer Telecom. Em entrevista ao Negócios, Román Vargas, que será um dos oradores convidados na “Porto Cyber Security Conference”, antecipa as maiores ameaças para as empresas e como é que podem prevenir e responder a ataques informáticos.

Quais são, actualmente, os roubos informáticos mais frequentes e que mais penalizam as empresas?

Há uma constante que é o roubo de dados e “passwords” ou informação confidencial que seja lucrativa. Nos últimos meses há uma campanha maciça de “ransomware” – o “cryptolocker” é um exemplo –, em que os dados do disco rígido da vítima são encriptados e lhe é exigido dinheiro para obter a chave para desencriptá-lo. Qualquer ciber-ataque, grande

ou pequeno, produz-se a partir de uma falha de segurança ou um elo mais fraco na cadeia de ciber-segurança. Os “hackers” aproveitam-se deste tipo de situações.

Em termos de importância, sobretudo para a performance financeira e para os resultados das empresas, quais são os ataques mais sensíveis?

As grandes ameaças serão o “malware” [“software” malicioso destinado a infiltrar-se num sistema de computador alheio, de forma ilícita], persistente e avançado, e os ataques dirigidos e selectivos, predominando os de baixo nível que se ocultam sem serem detectados. Tanto uma falha de segurança – desde “software” não actualizado ou corrompido, até sites abandonados ou o comportamento pouco consciente dos próprios colaboradores –, como uma infecção por “malware”, podem ter consequências nas operações, na imagem ou na economia das empresas.

Qual seria a mais grave?

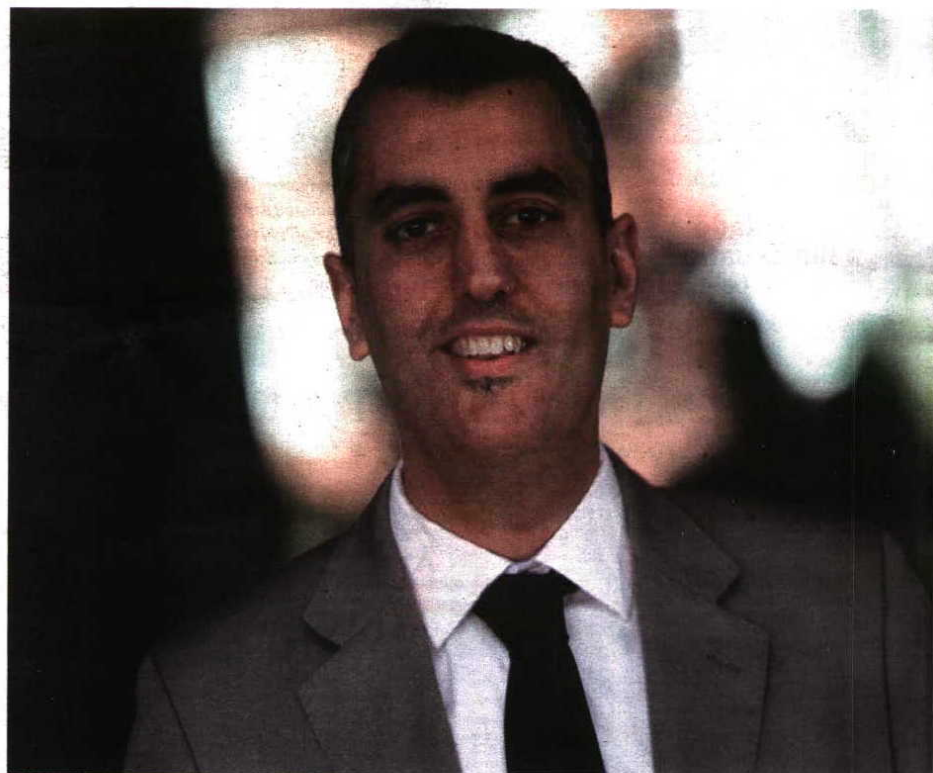
A mais grave seria a paralisação do negócio devido ao mau funcionamento dos sistemas informáticos e pela apropriação indevida de dados corporativos críticos. Além da interrupção ou paralisação da actividade, as consequências são múltiplas: perda de tempo e produtividade, custos relativos à recuperação das equipas, perda de dados, erosão da confiança e perda de clientes.

E potencia os riscos de fraude, suborno e corrupção.

Em muitos casos sim, já que existe a apropriação indevida de dados corporativos críticos que pode levar a este “jogo de forças”.

Como tem evoluído o fenómeno?

O último Relatório de Segurança da Cisco mostra que, em 2014, os ciber-criminosos melhoraram a capacidade para aproveitar as falhas de segurança, burlando as defesas corporativas e ocultando a actividade



maliciosa. O “spam” cresceu 2015%, à semelhança dos ataques de “malvertising” (inserção de “malware” em publicidade). E os ciber-criminosos mudaram o seu foco: do compromisso de servidores e sistemas operativos, a aproveitar as vulnerabilidades dos utilizadores nos “browsers” e correio electrónico. As 30 maiores redes corporativas do mundo geraram tráfego para sítios que albergam “malware”.

É conhecido o grau de incidência destes ataques em Portugal?

Ainda que se desconheça a percentagem real de empresas que sofrem ataques informáticos em Portugal – dado que muitas delas não o comunicam ou nem o sabem –, 100% das empresas estão expostas

a “malware”, ainda que não sofram ataques directos.

Mas tem havido uma escalada dessas ameaças também no mercado empresarial português?

Sim. Os países do Norte da Europa costumam estar mais protegidos, mas em Portugal e outros países do Sul da Europa a maioria das organizações não contam com as equipas ou sistemas necessários para monitorizar as redes de forma constante, detectar ameaças e estabelecer protecções a tempo e de forma efectiva, já que se requer um novo perfil de profissionais capazes de analisar os dados com maior exaustividade. Ou seja, especialistas em análises de dados. Estimamos que actualmente haja um défice de mais de um milhão de pro-

fissionais de segurança à escala global.

Vê sectores mais vulneráveis a estes ataques?

Do ponto de vista da exposição, a Internet é o principal vector de infecção. Numa economia global, na qual a Internet é um dos motores principais, todas as empresas estão conectadas, de alguma forma, à Internet, bem como os consumidores e geradores de conteúdos, pelo que todas as empresas estão expostas. Isto não significa que todas as empresas sejam vulneráveis. Depende também da política de TI [tecnologias de informação] e segurança de cada empresa: as que têm uma política mais relaxada tendem a ser mais vulneráveis, já que os sistemas costumam estar menos actualizados e controlados. ■



“O roubo de informação
confidencial é constante.”

“Todas as empresas
portuguesas estão
expostas a ataques.”

Direitos Reservados



Dicas para ajudar a proteger o seu negócio

Não existe protecção a 100% e este “não é um problema estritamente tecnológico”. Além de deixar a segurança nas mãos de profissionais – com recursos internos ou externos –, Román Vargas deixa outros conselhos às empresas. Manter o “software” actualizado (sistemas operativos, programas e aplicações); adoptar estratégias de continuidade de negócios (cópias de segurança e recuperação face a desastres); ou ensinar os trabalhadores a evitar navegar em redes abertas, a empregar mecanismos de autenticação dupla em serviços online ou a mudar habitualmente as “passwords”. Além da prevenção, o especialista avisa que é importante responder com rapidez aos incidentes para evitar o roubo ou a perda de informação. É que o “malware” avançado permanece nas empresas entre três a seis meses, ao passo que “os atacantes precisam de apenas umas horas” para roubar a

informação desejada. Ou seja, conclui, “é uma necessidade ter a visibilidade e a rastreabilidade necessárias para reconhecer a falha e limpá-la num tempo aceitável”. Numa altura em que “os cibercriminosos são motivados pela busca de informação confidencial que seja lucrativa”, como aponta este especialista da Cisco, o hotel Sheraton, no Porto, recebe esta quarta-feira, 20 de Maio, aquela que é apresentada como a primeira conferência de cibersegurança em Portugal. Organizada pela empresa Globinnova, em conjunto com a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras (Instituto Politécnico do Porto), a “Porto Cyber Security Conference” irá debater esta escalada das ciberameaças, os seus motivos e as formas de os evitar, através de testemunhos reais e oriundos de infra-estruturas críticas nacionais, como bancos, operadores, “utilities” e outras organizações. ■

PERFIL

Engenheiro e catalão

Román Vargas nasceu há 41 anos em Barcelona, Espanha, e é licenciado em Engenharia de Telecomunicações. O actual consultor de segurança da Cisco para Portugal e Espanha começou a trabalhar em 2001 nesta multinacional norte-americana, líder mundial em soluções de rede. Adepto da música e do desporto, acumula mais de 17 anos de experiência em “technical pre-sales”, com especial enfoque no mercado de grande empresas.

19-05-2015

ENTREVISTA
"Muitas empresas nem sabem
que sofrem ciberataques"
GESTÃO E GESTORES 18 e 19

Tiragem: 12777

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Economia, Negócios e

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 8,11 x 2,14 cm²

Corte: 3 de 3

